

Sacada



Roberto Capuano

A crise habitacional não é um assunto que interessa apenas aos desabrigados, aos pretendentes a inquilino e à indústria imobiliária. O crescimento do problema não tem sido examinado pela sociedade com a profundidade necessária. Em parte porque o assunto é tratado de maneira

Crise é bomba-relógio

ocasional e geralmente superficial.

Assim, quando saíram dezenas de leis do inquilinato, discutia-se a lei sem perceber que ela só existe em função de uma crise, e essa crise tem origens que jamais são pesquisadas.

Veza por outra, anuncia-se um plano de casas populares salvador, onde o messias de plantão propõe-se a construir milhares de habitações, de localização e qualidade duvidosas. Nem isso acontece.

Outras vezes reclama-se da falta de financiamento para a "classe média", que ninguém mais sabe o que é. A reclamação prende-se à não existência de recursos para a produção de apartamentos de três ou quatro dormitórios, com lazer.

Assim, a sociedade não tem a oportunidade de examinar a extensão e a gravidade do problema. As invasões, reflexo direto da falta de habitação, só são noticiadas quando relacionadas a objetivos claramente políticos. Na verdade, as favelas, que crescem

em progressão geométrica, são invasões selecionadas e reflexo direto da falta de loteamentos populares. Metade das habitações nas favelas são de alvenaria, o que quer dizer que, se houvesse loteamentos, teríamos metade das favelas. Mais do que a casa popular, precisamos do lote popular.

Mas, voltando às invasões, elas começarão a ocorrer com maior intensidade na medida em que a classe média, hoje sem qualquer tipo de financiamento que lhe permita comprar um imóvel usado, construir, ou mesmo comparar um terreno, condenada a ser inquilina e, sem condições de pagar os altos aluguéis, esta sendo obrigada a trocar endereço por espaço ou espaço por endereço.

Não restará a esta faixa da população alternativas que não sejam cortiços e favelas. O motorista de taxi, de caminhão, de ônibus, já atormentado pelas dezesseis horas diárias de trabalho, sabe que ao voltar para seu arremedo de casa irá conviver com marginais, com desconforto, com falta de higiene. O funcionário, o escriturário, a vendedora de loja têm pela frente, ao fim de uma longa jornada, a mesma situação a enfrentar. Enfim, todos que compõem a grande massa social passam a conviver cada vez mais com a agressividade, a intolerância, as más condições de habitação, com as situações explosivas socialmente. Quando obrigamos também novos segmentos da classe média a esta mesma situação, estamos criando uma bomba de efeito retardado cujas consequências serão inimagináveis.

A sociedade precisa mobilizar-se. A necessidade de mais informação, de estudo das causas do problema, torna-se indispensável. Há solução. É preciso colocá-las em prática urgentemente.